


As universidades norte-americanas e a ascensão de Trump pelos olhos dos professores | Entrevista com Pedro Meira Monteiro

Pedro Meira Monteiro*

Princeton University
Princeton, Nova Jersey, EUA

Entrevista realizada por e-mail em agosto de 2025, a partir do convite do professor Dr. **Eduardo Ferraz Felipe** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) ao professor Pedro Meira Monteiro.

- * Professor da Princeton University, Cátedra Arthur W. Marks '19, Departamento de Espanhol e Português. Doutor em História e Teoria Literária, Mestre em Sociologia e graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: pmeira@princeton.edu
 <https://spo.princeton.edu/people/pedro-meira-monteiro>

Revista Maracanan. Fale por favor de sua trajetória de estudos acadêmicos e como você relaciona a sua formação intelectual e a política contemporânea dos EUA.

Pedro Meira Monteiro. Ensino literatura brasileira em Princeton há mais de vinte anos. Eu me doutorei em 2001 no Brasil, com uma tese de literatura comparada. Meus estudos superiores foram na Unicamp, com exceção de um mestrado na França, em Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines. Dei aulas durante um ano em universidades privadas no Brasil, logo após o doutoramento. Princeton foi meu primeiro e único emprego acadêmico em que se conjugam ensino e pesquisa. Hoje sou professor titular (ocupo uma cátedra) e chefe do Departamento de Espanhol e Português.

Trata-se de uma posição híbrida, propriamente internacional, já que meu objeto e minhas redes de diálogo se situam tanto no mundo anglófono quanto no mundo hispanófono e, principalmente, no mundo lusófono, especialmente no Brasil. Isso me dá certa perspectiva para avaliar o impacto da política contemporânea no trabalho e na vida de acadêmicos estrangeiros radicados nos EUA. Mas não é possível entender esse impacto fora do âmbito global. Afinal, o avanço da extrema direita em todo o mundo produz sofrimento e confusão. Considerando a experiência autoritária recente no Brasil, a coisa se torna até irônica, porque me sinto numa espécie de ping-pong, com momentos de exceção acontecendo alternadamente em países diferentes, de tal forma que não é possível abrigar-se e encontrar um espaço livre, em que os valores democráticos tenham plena vigência. Sempre há uma zona e uma experiência de exceção esperando a gente.

Ao mesmo tempo, sabemos que a posição em que estamos – nós, acadêmicos – é privilegiada quando comparada à experiência de porções da população muito mais desassistidas e vulneráveis à sanha autoritária. No entanto, a crise democrática e migratória, que junto à crise climática formam um só fenômeno, oferecem um interessantíssimo campo de investigação para as Humanidades. Quem de nós não tem refletido, dentro e fora das salas de aula, por escrito ou não, de forma direta ou indireta, sobre essas três crises complementares?

De toda forma, penso que a reflexão sobre esses eixos pode ser uma faca de duplo fio: exige muito, porque o tema é árduo e dolorido, ao mesmo tempo que estimula e energiza o pensamento.

Revista Maracanan. O governo Donald Trump fez uma série de ações intervencionistas nas universidades americanas; dentre as mais conhecidas pode-se citar as ocorridas em Columbia e em Harvard. Em torno de 15 de abril deste ano, Trump congelou em torno de US\$2 bilhões de Harvard. Além disso, ameaçou retirar as isenções fiscais de Harvard por considerar que as

universidades de elite atuam a favor de terroristas e contra o interesse público. Segundo a carta enviada para Harvard, e disponibilizada pelo *The New York Times*, a universidade não havia cumprido as “condições de direitos intelectuais e civis”. E hoje, dia 30 de junho de 2025, a Casa Branca considerou que Harvard violou leis dos direitos Civis, conforme noticiado pelo *The New York Times*. Como você percebe as ações de Trump e o simbolismo no ataque a essa universidade?

Pedro Meira Monteiro. O ataque é a várias universidades, com foco especial na chamada “Ivy League”, que aliás inclui Princeton.

É uma guerra contra o pensamento em geral. Há nisso uma dimensão prática, planejada, que tem como alvo a crítica gerada dentro das universidades. Essa crítica costuma recusar a instrumentalização dos saberes e cria zonas de desconforto que, numa sociedade democrática, são (ou deveriam ser) a norma. Mas há uma dimensão simbólica que não pode ser negligenciada. Pessoas como Trump ou Bolsonaro são risíveis e embaraçosas do ponto de vista “ilustrado”. Pode haver arrogância nisso, mas, convenhamos, eles se parecem a vilões de filme B. Só que o que realmente importa, acho eu, é que há neles e em muitos de seus seguidores um despeito diante de algo que é considerado ameaçador, isto é, qualquer forma de refinamento que torne evidente a brutalidade instintiva dessas figuras macabras.

Não tenho nada contra leite condensado (embora no pão ele me pareça estranho). Mas, para além de qualquer brincadeira, estamos, num nível profundo, diante de uma espécie de estética anti-intelectual que é constitutiva das formas clássicas do fascismo, que aliás ganham nova voltagem com as redes sociais e o mundo digital sob a régua das Big Techs. Ou seja, estamos exatamente diante do problema que hoje torna Lula uma figura singular e rejeitada pelo trumpismo. Penso que a defesa que Trump faz de Bolsonaro seja uma cortina de fumaça para o ataque ao judiciário brasileiro, porque afinal os juízes do STF podem impor algum freio à cobiça ilimitada dessas figuras, e a um sistema que tem sustentado a sua cruzada.

“Cruzada” não é uma palavra qualquer nesse contexto. A guerra é também contra princípios laicos, embora o perfil religioso tanto de Trump quanto de Bolsonaro tenha a ver com a conveniência de colar-se a pautas conservadoras num momento em que as forças democráticas alcançaram um nível inédito de reconhecimento de espaços alternativos, em termos identitários. A pauta dos costumes é uma pauta “*anti-woke*” que, em muitos casos, tem a ver com uma sincera adesão a posições fundamentalistas, embora no caso das duas figuras citadas trate-se de simples conveniência. Ou seja, a religião é uma peça utilizada sem qualquer implicação ética ou existencial. (A menos que alguém ache que Jeffrey Epstein, o ex-amigo de Trump que “se suicidou” na cadeia depois de ser condenado por pedofilia e tráfico sexual, tenha lugar reservado no céu cristão...) Quanto a Bolsonaro, recomendo o recém-lançado filme de Petra Costa, *Apocalypse nos Trópicos*, produzido por ela e Alessandra Orofino, que procura entender o papel de Silas Malafaia como uma eminência parda nos bastidores do

bolsonarismo. Para dizê-lo sem meias palavras: a vilania e o charlatanismo de figuras como Trump e Bolsonaro são engolidos a seco por líderes espirituais que fazem da religião um grande negócio, dentro da guerra contra o Estado republicano e laico.

Revista Maracanan. Diferente do que aconteceu na universidade de Columbia, Harvard se tornou a primeira universidade dos EUA a rejeitar as exigências do governo, em 14 de abril de 2025, acusando a Casa Branca de tentar “controlar” a comunidade universitária. Qual a sua opinião sobre o protagonismo de Harvard na luta contra os desmandos de Donald Trump, ao ter se recusado a aceitar de modo imediato a intervenção do atual presidente dos EUA?

Pedro Meira Monteiro. Foi uma aposta calculada e, ainda assim, altamente louvável. Tem a ver com a pressão do corpo docente, mas também com o jogo de forças entre doadores e administração, com um olho sempre voltado para o equilíbrio financeiro daquele que é o maior *endowment* universitário do mundo. Neste momento, de qualquer forma (e talvez infelizmente), Harvard, segundo a imprensa, negocia um acordo com o governo Trump.

Há ainda outra ironia aqui: a briga pelo *free speech* se tornou agora um *asset* da esquerda. Afinal, defender a criação de um Estado palestino ou denunciar o genocídio em Gaza se tornou perigoso. Tenho colegas e estudantes internacionais que simplesmente não saíram dos Estados Unidos e nem pretendem sair por ora, com medo de que, ao tentar voltar, sejam deportados, perdendo, portanto, a bolsa ou o próprio trabalho. Isso impacta diretamente agendas de pesquisa, além de criar um clima muito tenso, com a internalização do medo – outro instrumento importante dos regimes de exceção.

Revista Maracanan. Como você percebe o impacto das ações do governo Trump na universidade na qual você leciona e pesquisa após as ameaças de intervenções governamentais em duas das maiores universidades norte-americanas (Columbia e Harvard)? Houve mudança no ambiente entre os professores? Os alunos estrangeiros têm se sentido constrangidos? O ambiente nas aulas e no campus sofreu alterações profundas?

Pedro Meira Monteiro. Princeton tem uma pujança financeira que a torna um pouquinho mais protegida que outras universidades da Ivy League, mas já estamos sob cortes orçamentários severos.

O problema é que não se trata apenas dos *grants* suspensos ou cancelados (inúmeros, inclusive dentro de um pequeno departamento de Humanidades, como o nosso). A taxação dos rendimentos do *endowment* também promete criar uma paisagem financeira na gestão de gastos e investimentos em ensino e pesquisa. Aqui talvez seja necessária uma explicação para o público brasileiro: universidades como Princeton e Harvard não são “privadas”, no sentido de que tenham acionistas, proprietários, ou mesmo o objetivo de lucrar. Tudo o que a

universidade ganha ou produz é revertido para si mesma, ou seja, passa a compor o *endowment* que a própria universidade administra. Para se ter uma ideia, o *endowment* de Princeton é superior a 30 bilhões de dólares, enquanto o de Harvard é superior a 50 bilhões.

O clima atual é muito ruim. Como eu disse acima, colegas e estudantes internacionais já estão se “internando” nos EUA, com medo de sair e não poder voltar com seus vistos, sejam temporários ou permanentes. Mas isso ainda é muito pouco perto do terror que vejo estampado na face de muitos de nossos estudantes de graduação, na maioria latinos, cujos pais são indocumentados e estão sujeitos aos arrastões do ICE (Immigration and Customs Enforcement). É preciso dizer também que a perversidade e o sadismo, tão comuns em regimes de exceção e experimentos de corte fascista, têm gerado um festival de símbolos tenebrosos. Sirvam como exemplos o investimento em prisões exemplares e a deportação indiscriminada de imigrantes para países que não são os seus.

Imagino que não tenha passado despercebido, no Brasil, o gozo com que Trump e sua *entourage* falam de “Alligator Alcatraz”, a prisão construída nos Everglades, na Flórida, rodeada por uma área pantanosa repleta de crocodilos. O próprio Trump não poupa elogios à memória de Alcatraz, a prisão hoje desativada na baía de São Francisco, e aqui tal memória é associada também ao imaginário infantil, e nem por isso menos perverso, do fosso de jacarés em torno da fortaleza. Insisto que os símbolos são importantes, porque capazes de revelar até onde vai o sadismo em momentos de pulsão fascista.

Para voltar à pergunta, é como se muita gente estivesse vivendo sob a ameaça de ir parar nesses lugares de punição espetacular, aonde a lei não chega. Guantánamo já fazia parte do imaginário estadunidense em torno da ameaça terrorista. Voltando ainda mais no tempo, não custa lembrar que Bentham, aquele do Panóptico, foi um grande entusiasta da experiência “democrática” norte-americana. Acontece que essa democracia nunca soterrou completamente suas pulsões autoritárias.

Enfim, estamos num momento em que a boca do bueiro se soltou e as fantasias punitivistas são plenamente autorizadas pelo presidente da nação. Só que o “vale tudo” dos EUA é uma novela muito real, sentida com especial aflição dentro das universidades, que são um dos alvos preferenciais da cruzada *anti-woke*. É difícil ser minimamente otimista num quadro como este. Ainda assim, confesso nutrir alguma esperança de que a ânsia e a ganância de um sociopata senil possam levá-lo à ruína, talvez mesmo antes do fim de seu mandato.

O princípio irracional do fascismo, que nos *corsi e ricorsi* da história (segundo a célebre expressão de Vico) se alia ao princípio expansivo e estéril do capitalismo financeiro, tem sempre os dias contados. Mas, como dizia Kafka, talvez haja esperança, só que não para nós. A capacidade técnica destrutiva se aperfeiçoou e alterou sua natureza; a hecatombe já está em curso e não depende mais de uma bomba total para acabar com tudo. Basta minar os mecanismos de contenção da destruição, como programaticamente faz a extrema direita e seus pares, e o cenário está montado para o fim do planeta. Mas esse pesadelo não é exclusivo

dos EUA, infelizmente. Só espero que o poeta tivesse razão, quando disse que o tempo não para.